Jazz
26 Maio 2010
Ciclo 'Isto é Jazz?'
Comissário: Pedro Costa

Mostly Other People Do the Killing

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

Trompete Peter Evans
Saxofone alto Jon Irabagon
Contrabaixo Moppa Elliott
Bateria Kevin Shea

Qua 26 de Maio
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h30 · M12

Party freaks

Matthew "Moppa" Elliott gosta de definir o projecto Mostly Other People Do the Killing com uma só frase, adaptada do título de um disco dos Mothers of Invention: *We're only in it for the fun!* A verdade, porém, é que o divertimento deste grupo apresentado como praticando um "*bebop* terrorista" tem muito que se lhe diga, e se o humor e a ironia estão entre as suas principais virtudes, os propósitos que persegue são, afinal, bastante sérios. Em causa está o tipo de revisionismo distanciado que faz de praticamente todos os ramos e etapas da evolução do jazz, inclusive com recurso a citações dos *standards*, e a sua associação a estruturas rítmicas do rock e a explorações situacionais identificáveis com a *new music*. "Se a nossa inclusão dos antigos estilos do jazz não é, em si mesma, irónica, já o é a justaposição que realizamos desses estilos com outros. Procuramos fazer uma música que reflicta a natureza fragmentária das nossas vidas nos dias de hoje, o que envolve a combinação de elementos musicais drasticamente diferentes, mas todos eles importantes para nós. Encaramos muito seriamente a história da música gravada e tentamos nada excluir", refere a propósito o mentor deste quarteto que se completa com Peter Evans (trompete), Jon Irabagon (saxofone alto) e Kevin Shea (bateria, electrónica).

A perspectiva de Irabagon a este respeito tem algumas nuances: "Os procedimentos que os MOPDTK utilizam para interagir entre si são utilizados sem qualquer tipo de ironização, e os seus objectivos não são unicamente provocar um sorriso no ouvinte. Para mim, a música só é verdadeiramente interessante quando se tiram elementos de uma determinada expressão para os fundir com outras. Diferentes estilos musicais têm diferentes propósitos na vida quotidiana, e mesmo estes alteram-se ao longo dos tempos. Hoje, por exemplo, podemos ouvir "big bands" de jazz no consultório de um dentista, como já aconteceu comigo. Se a intenção original do *swing* era pôr as pessoas a dançar, agora serve para relaxarmos. Gosto de pensar sobre isto e de colocar géneros musicais distintos em cima uns dos outros: um solo de saxofone no estilo de Duke Ellington sobre o maior dos pandemónios, ou um solo do *bebop* mais literal no topo de um *groove* da pop dos anos 1980. Interessam-me muito estes paradoxos. Para todos os efeitos, é tudo música, mesmo que seja difícil aceitar que idiomas diversos possam misturar-se ou coexistir. A nível pessoal, é sempre um desafio fazer com que estas combinações sejam válidas – o meu divertimento vem de verificar como resultam estes *mixes*, e por vezes até pode surgir algo de surpreendente, uma nova norma."

Os processos e a filosofia dos MOPDTK alinham com o pós-modernismo anunciado na música por figuras como Frank Zappa e John Zorn. Mas com algumas subtilezas... "Somos definitivamente pós-modernos, mas não pretendemos que as nossas peças musicais formem *statements* coesos. Zappa e Zorn são influências, sim, mas também a muito teatral improvisação holandesa, o Art Ensemble of Chicago, Charles Ives e muito mais", explica o contrabaixista

e compositor que está no eixo deste vendaval de sons e referências culturais. Preocupa-se "Moppa" em esclarecer que não enquanto líder formal e menos ainda como o "conceptualista" de serviço: "Nada determino aos outros membros da banda. Ao longo de seis anos, desenvolvemos um conceito de grupo que cresceu organicamente para lá das formas com que nós os quatro interagimos naturalmente. O entendimento do tempo por parte do Kevin é decisivo para o que fazemos, e o certo é que temos a tendência para nos sabotarmos, o que se tornou num factor operacional. Confiamos suficientemente uns nos outros para nos sentirmos confortáveis neste contexto de permanente armadilhamento. Ou seja, o conceito do grupo vem dele mesmo e não totalmente de mim. Aliás, as composições que escrevo para os MOPDTK são-lhes específicas, combinando temas facilmente reconhecíveis e manipuláveis e evitando harmonias excessivamente complexas (enfim, nem sempre – risos), de maneira a podermos mover-nos com mais ligeireza entre as estruturas."

"De facto, discutimos tudo o que o 'Moppa' escreve antes de um concerto ou de uma gravação. Cabe a cada um de nós definir, previamente, como podemos contribuir, mas muitas coisas acontecem imprevistamente no próprio momento em que tocamos, e isso passa por termos a liberdade de interferir espontaneamente com o que os outros fazem, e quanto mais inconvenientes, despropositados e invasivos formos, melhor", elucida o saxofonista dos MOPDTK. Num contexto como este, a própria pós-modernidade do grupo não é uma condição linear. As capas dos seus dois últimos álbuns editados atestam-no suficientemente: *This Is Our Moosic* reproduz a do LP *This is Our Music* de Ornette Coleman e a do recém-editado *Forty Fort* é uma cópia da de *Out of the Afternoon*, de Roy Haynes. Explica Elliott: "A nossa assimilação da maior quantidade possível de material histórico pode parecer modernista, pelo facto de estabelecermos um conjunto minimamente coerente através da combinação de muitos e pequenos elementos, mas a nossa abordagem é, realmente, pós-moderna, pois a música mantém-se fragmentária, tal como acontece com toda a cultura contemporânea. Quer isso dizer que não estamos à procura de um novo paradigma? A verdade é que não houve muitos desenvolvimentos na música, em geral, nestes últimos 30 anos."

Afirmações como a acima transcrita tornam os MOPDTK ainda mais polémicos: "Desde o aparecimento do hip-hop e da electrónica que o acompanhou (com o *sampling*, as sínteses, o ruído) que não oiço nada de realmente 'novo'. Espero que alguma novidade esteja a emergir e que simplesmente eu ainda não me tenha apercebido disso, mas sou bastante céptico. Muito do mais aclamado 'jazz' da última década (The Bad Plus, Robert Glasper, Vijay Iyer, Rudresh Mahanthappa, Steve Coleman, Toumani Diabate, Darcy James Argue, Tyshawn Sorey, Steve Lehman, etc., etc.) é uma combinação do jazz com outro estilo da pop, da música erudita ou da *world music*. A última grande novidade, se pensarmos bem, foi a frente M-Base, na década de 1980. Não consigo indicar ninguém que nos últimos 10 anos tivesse proposto algo que se possa identificar como um novo paradigma, com a dimensão que tiveram o *bebop* ou o *free jazz*. O que diz isso da cultura ocidental dos nossos dias?"

"Moppa" interroga-se mesmo sobre se nos tolhe uma colectiva "preguiça". Até a pop, salienta, "deixou de crescer desde o movimento *grunge* no início da década de 1990, não sendo outra coisa senão uma colagem de velhas tendências como o *funk*, o disco ou o *swing*". Se a tecnologia tinha como potencialidade incentivar a inovação, "o certo é que a digital não produziu as mudanças de fundo de que estávamos à espera: o uso de *samples* pelo hip-hop foi inovador nos anos 80, mas ficou-se por aí". Continua o músico: "Significa isto que a cultura ocidental perdeu a imaginação? Esgotámos todos as nossas ideias? Não sei. O que sei é que continuo a querer fazer música com instrumentos acústicos e que a única maneira que tenho de o realizar passa pela duplicação da natureza fragmentária deste início do século XXI. Somos constantemente bombardeados por informação e as associações aleatórias que assim se proporcionam podem resultar muito bem quando transpostas para a música."

Jon Irabagon vê o problema com outro optimismo: "Todos nós estamos à procura da 'verdade' e pela minha parte estou convencido de que lidar com os paradigmas já aceites da maneira como o fazemos pode revelar-nos o que está para vir. Não precisamos de os recusar; basta-nos questioná-los. Aceitamos os velhos paradigmas, mas distorcemo-los, viramo-los do avesso e desmembramo--los para depois montarmos todos os pedaços que ficaram espalhados de modo a obter outras formas e verificar como os mecanismos de um paradigma funcionam com os de outro. O grande dilema está no facto de as pessoas se distraírem com preocupações menores, como 'o jazz morreu?' ou 'o que é o jazz?'. Não são poucos os músicos que falam mal de uma determinada orientação estética só porque não a praticam – no meu entender, tal atitude é nociva para a música como um todo. A cena do jazz é tão pequena na escala global que devíamos entreajudar-nos mais e não deitar abaixo o trabalho dos outros. Defendo a ideia de que estamos num período muito interessante da evolução do jazz e que muita coisa positiva vai sair daqui. Tão positiva que daqui a 30 anos olharemos para trás, tal como agora olhamos para o que foi realizado nos anos 1960 e 70."

Isto significa que está, pelo menos, definido o caminho a percorrer.
A caracterização e as propostas dos Mostly Other People Do the Killing derivam do surgimento de um tipo de músico, antes inexistente, que não só revela uma grande diversidade de interesses e gostos como teve uma escolaridade transversal aos vários géneros e famílias musicais. Peter Evans é intérprete de música barroca, toca o jazz *straight-ahead* com propriedade, tem uma notável actividade na área da música livremente improvisada e é um inovador radical no que diz respeito às técnicas extensivas para o trompete. Jon Irabagon está tão à vontade no mais rigoroso dos *mainstreams* como nas dissertações *free* e para-vanguardistas a que volta e meia se atira. Kevin Shea tem actividade simultânea no rock mais excêntrico que se tem praticado nos Estados Unidos, dos Stormandstress

aos Talibam! Comenta Irabagon: "Está a tornar-se comum que um músico cubra mais terrenos. O ensino conduziu a tal, assim como o negócio da música – para muitos de nós, a diversidade tornou-se vital, para podermos pagar as contas no fim do mês. E claro que um dos factores mais decisivos é o *overload* de informação musical que recebemos. Com os iPods, os blogues, as páginas Web, os milhares de discos que são lançados e os muitos concertos que se realizam, só não ouvimos o que não quisermos ouvir. Natural será que a geração que lida com tudo isto toque várias músicas de modo convincente. O que me surpreende mesmo é haver músicos que continuam indiferentes ao que se passa no mundo. Não faz sentido nenhum separar a vida da arte que se cria."

"Moppa" Elliott tem precisamente isto em conta: "Temos hoje um acesso quase instantâneo a toda a música gravada, e isso está a ter consequências enormes. Há quem prefira ignorar esta realidade e tocar de forma historicamente 'adequada', o que também me parece importante, mas esse tipo de intervenção nada tem que ver com a contemporaneidade." Ora, músicos com este perfil ainda não são bem aceites por uma parte das audiências e pela crítica mais purista do jazz e da música improvisada, a qual não sabe muito bem como encarar as intencionalmente subversivas propostas dos MOPDTK. "Pois é. Muitos críticos têm sido incapazes de entender o Jon ou o Peter, pelo facto de não lhes conseguirem colocar um rótulo. Ambos contradizem a ideia de que os artistas estão necessariamente focados num só género ou numa só estética. Identificar o Jon com a música que lhe valeu o Thelonious Monk Award e o Peter com as pesquisas que realiza a solo é idiota, pois não tem em consideração a totalidade do seu trabalho. Urge que as pessoas abram os ouvidos e esqueçam essas ideias feitas."

Daí o desabafo de Jon Irabagon: "Se uns me acusam de estar 'dentro' ou de circular pelas 'auto-estradas' do jazz, outros argumentam que sou 'bizarro'. O que quer dizer que nos avaliam parcialmente, não pelo todo do que produzimos. É um absurdo. Dave Liebman disse que um disco é como uma fotografia que nos fixa num dado momento. Para compreendermos devidamente a obra de um músico é preciso considerar as várias fotografias do seu percurso. Gostei de gravar o álbum *The Observer* e de ter tido a oportunidade de colaborar com tão grandes instrumentistas 'clássicos' como Kenny Barron, Rufus Reid e Victor Lewis, mas não me julguem apenas por esse CD." A crítica especializada pode, no entanto, ser bastante obtusa. Para os MOPDTK, este é um território fértil para o sarcasmo. As hilariantes notas de capa de *Forty Fort* são assinadas por um fictício Leonardo Featherweight, aludindo ao conservador crítico Leonard Feather. Neste particular, Irabagon observa o quadro com algum conhecimento de causa, pois, se não exerce essa profissão, tem o curso de jornalismo...

A referida *charge* convida à gargalhada e é dura, mas "Moppa" Elliott tenta ser compreensivo sobre tal assunto: "Acho que o problema da crítica está na falta de tempo, de dinheiro e de apoio. São poucos os críticos de música e estes são forçados a produzir demasiados artigos, o que não lhes permite suficiente disponibilidade para compreenderem aquilo sobre que escrevem. A culpa não é deles e sim de quem dirige os jornais e as revistas, mas isso gera o pobre e vazio criticismo que temos. O que é uma infelicidade, pois está a ser criada muito boa música. Também são publicados imensos discos maus, pela circunstância de ser barato gravá-los, e isso torna as coisas mais complicadas. Gosto de parodiar a tentação de muita da crítica para a adoração dos heróis históricos. As recensões e as *liner notes* das décadas de 1950 e 60, sobretudo, apresentam cada álbum como uma obra de génio, o que na maior parte dos casos não é verdade. E, no entanto, eu gosto de usar essa linguagem florida, misturando nostalgia com desdém... se é que isso faz sentido. Não seria bom que os críticos fossem bem pagos por escreverem apenas um bom artigo e quatro boas recensões por mês?"

A crer nas palavras de "Moppa", está muito longe dos propósitos dos Mostly Other People Do the Killing serem os novos heróis da actualidade: "Fazemos o que fazemos, é só isso. Não tentamos propriamente excitar as audiências. Muitos dos músicos de jazz são habitualmente sisudos, mas nós não funcionamos assim. O público verifica que estamos a divertir-nos e diverte-se também. É epidémico. Mas atenção: não somos os bobos da corte. Julgo mesmo que a nossa música é uma manifestação de sanidade no meio da loucura que vai acontecendo à nossa volta. Absorvemos as músicas todas que estão no ar e tentamos dar um significado ao seu conjunto, mesmo que seja impossível concretizar tal desejo. O nosso divertimento vem, precisamente, dessa impossibilidade. Umas vezes divertimo-nos de forma caótica e violenta, e em outras esse divertimento soa como a canção *All The Things You Are*. Umas vezes implica que toquemos seis composições em apenas um minuto, e outras que desenvolvamos uma única fórmula durante um quarto de hora. Umas vezes rendemo-nos à beleza e outras arruinamos totalmente um tema que poderia ser belo."

Sobretudo, os MOPDTK distinguem-se pelo facto de (adianta Jon) "não caberem na caixinha pensante" que ainda vai circunscrevendo o que é e não é o jazz, por mais incongruente que tal função normativa seja nos dias que correm. "Cabe-nos a habilidade de colocarmos em dúvida o que está certo ou errado, o que é apropriado ou desapropriado, o que é interessante ou desinteressante, para todos os efeitos a postura que sempre tem sido fundamental em qualquer disciplina artística. O que nós fazemos é forçar os limites e ver onde é que isso nos leva, admitindo que a combinatória certa para nós pode não ser assim tão certa para os demais. Apenas desta maneira a arte pode constituir uma parte importante da nossa existência, ajudando-nos a descobrir o que somos e quais são as nossas reais possibilidades." Nesta demanda, das duas uma: ou se adopta a obsessão de um cientista no laboratório, ou se faz a festa. Este quarteto é, decididamente, formado por *party freaks*.

Rui Eduardo Paes
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

Peter Evans
trompete

Evans faz parte da comunidade musical de Nova Iorque desde 2003, para onde foi viver depois de se ter formado no Conservatório de Oberlin, na classe de trompete clássico. Actualmente trabalha numa grande variedade de áreas, actuando a solo, em orquestras de câmara, em espectáculos de artes performativas, concertos de livre improvisação, música electroacústica e compondo.

Como músico, Evans tem trabalhado no sentido de alargar o âmbito expressivo do seu instrumento, tocando com configurações regulares de músicos e compositores. Participa em bandas como o Quarteto por si liderado, os Mostly Other People Do the Killing, o hiperactivo duo de improvisadores Sparks (com Tom Blancarte), o duo com o trompetista Nate Wooley, para além das suas actuações a solo. Outros artistas com quem tem trabalhado: Mary Halvorson, Dave Taylor, Steve Beresford, Okkyung Lee, Keiji Haino, Jim Black, Evan Parker, Tyshawn Sorey, Peter Brotzmann, Mark Gould, Weasel Walter, Tobias Delius, Joel Ryan, Luka Ivanovic. Em Nova Iorque Evans também tem interpretado música contemporânea e é membro do International Contemporary Ensemble (ICE). Toca também *piccolo* tompete em concertos de música barroca, apresentando-se, por exemplo, no Concerto Brandeburguês nº2 de J.S. Bach, em Bargemusic, ou na Missa em Si menor também de Bach em St. Peter's Church.

Evans é ainda um experiente professor, dirigindo *masterclasses* de música, trompete e improvisação em instituições como as Universidades de Califórnia em San Diego, de Buffalo, de Oregon, a Northwestern University e a Walden School. Em Junho de 2008 viajou até às Filipinas com o projecto Cultures in Harmony, ensinando, colaborando e tocando com músicos tribais em Mindanao.

Recentes digressões têm-no levado a festivais nos EUA, Canadá, Europa e Ásia, tais como Moers Festival, Ulrichsberg Kaleidophon Festival, Bordeaux Jazz Festival, Jazz à Mulhouse, Festival de Jazz de Berlim. Gravou dois álbuns a solo publicados pela PSI, editora de Evan Parker, e o disco *The Peter Evans Quartet* para a Firehouse 12.
In www.myspace.com/peterevanstrumpet

Jon Irabagon
saxofone alto

Vencedor, em 2008, do Concurso Internacional de Saxofone Thelonious Monk, tem tocado intensamente em projectos muito diversos, desde os mais "clássicos" aos mais experimentais. Jon estudou com artistas tão diversos como Dave Liebman, Wynton Marsalis, Steve Coleman, Dick Oatts, Jason Moran, Vijay Iyer, e Victor Goines, e tocou e/ou gravou com reputados músicos como Billy Joel, Kenny Barron, Wynton Marsalis, Bright Eyes, Tom Harrell, Evan Parker, Joe Lovano, Rufus Reid, Dave Liebman, Nicholas Payton, John Edwards, Deborah Gibson, John Abercrombie, Frank Wess, Wycliffe Gordon, Tony Buck, Renée Fleming, Kenny Washington, Tobias Delius, Lou Reed, Victor Lewis, Jenny Lewis, Ron Sexsmith, Kris Davis e Ken Vandermark. Jon tocou e dirigiu aulas e *workshops* nos EUA, Canadá, Europa, Macau, Taiwan, Costa Rica e Japão, e toca regularmente em Nova Iorque em lugares de topo como Birdland, Jazz Standard, 55 Bar, Jazz Gallery, Zebulon, Barbes, Sweet Rhythm e Dizzy's Club Coca Cola.

A sua concepção de inclusão musical nas suas improvisações e composições revela-se num corpo de obras que tem criado durante a sua jovem carreira em grupos como o seu Quinteto Outright! (editora Innova) que percorre toda a história do jazz numa improvisação em grupo, o seu duo com o baterista Mike Pride *I Don't Hear Nothin' But Blues* (Loyal Label), a sua banda de *covers* dos anos 1980, o seu Sonny Rollins Tribute Trio, o grupo de jazz moderno Confluence (Artist Records) que co-lidera com colegas formados na Manhattan School of Music, o quarteto de livre improvisação RIDD (Clean Feed), além da sua participação no Mostly Other People Do the Killing (Hot Cup).

Jon assinou contrato com a editora Concord Records que editou este ano um CD com *standards* e originais intitulado *The Observer*.
In http://joniragabon.com

Moppa Elliott
contrabaixo

Nasceu em 13 de Setembro de 1978, primeiro filho de David e Carolyn Elliott. "Deram-me o nome de Mathew Thomas Elliot, e não o de Moppa. Os meus pais são ambos professores universitários e grandes melómanos, o que me permitiu ouvir muita música desde pequeno. Depois de uma breve introdução ao piano, comecei a tocar trombone no 6º grau, e depois de decidir alguns anos mais tarde que queria também tocar um instrumento de cordas, deram-me um baixo eléctrico. Quando tinha cerca de 17 anos, arranjei o velho baixo acústico do meu pai, para uma audição para um programa de Verão. Comecei então a estudar contrabaixo seriamente com Tony Marino.

"No Outono de 1997 inscrevi-me no Oberlin College e no Oberlin Conservatory of Music em biologia e contrabaixo de jazz, no ensino integrado de Oberlin. Enquanto estudava gravei o meu primeiro CD, *Pinpoint* e adquiri alguma experiência tocando em Cleveland, Ohio, durante cerca de três anos. Tive também a sorte de ensinar durante quatro Verões na Pennsylvania Governor's School for the Arts.

"Acabei a escola no Inverno de 2001 e mudei-me par Nova Iorque no Verão seguinte. Aqui, em Nova Iorque, tenho tocado e gravado com alguns grandes músicos e ensinado na St. Mary's High School.

"Lidero e componho para o quarteto Mostly Other People Do the Killing que em 2009 foi considerado pelos críticos da *Down Beat* como o melhor 'Rising Star Ensemble'. Os mesmos críticos colocaram-me na lista da categoria 'Rising Star Composer'. Actuei com o grupo Elastic Hybrid Chamber-Pop, Alice, Charles Evans and the Language Of, Jon Lundborn and Big V Chord, entre outros".
In www.moppawlliott.com

Kevin Shea
bateria

Iniciou a sua carreira de músico profissional ainda na adolescência. Tem agora mais de 20 anos de experiência como músico baterista/percussionista e compositor, tendo viajado por mais de 35 países e participado em mais de 50 álbuns de grande diversidade de contextos estilísticos e estéticos. Só no ano passado, Shea participou em mais de 300 concertos. O seu ensino musical começou na escola secundária e foi até ao Berklee College of Music. Apresentou-se em festivais como Moers Festival (Alemanha), Taipei Arts Festival (Taiwan), Bordeaux Jazz Festival (França), Kraak Festival (Bélgica), ZXZW em Tilburg (Holanda), Lollapalooza (festival itinerante, EUA), Jazz em Agosto, Angra Jazz, Egersund Visfestival (Noruega), etc. Participou em mais de 50 CD's de grupos como Storm and Stress, Mostly Other People Do the Killing, Sexy Thoughts, People, Aji No Moto, Swirlies, Puttin' On the Ritz, Coptic Ligh, Great Lakes, Talibam!, etc.

No final de 2009 saiu o álbum dos Talibam! *Boogie in The Breeze Blocks* publicado pela lendária editora discográfica ESP-Disk.

A partir de www.allaboujazz.com

Próximo espectáculo

© Márton ÁGH – János György e Kata Wéber

Hard to be a God
Que difícil é ser Deus!
Um espectáculo de Kornél Mundruczó
Integrado no alkantara festival 2010

Teatro De Sáb 29 a Seg 31 Maio
21h00 · Duração: 2h30 · M16
Antiga Fábrica Simões, Avenida Gomes Pereira 11, Benfica (perto do cruzamento com a Estrada de Benfica)
Metro mais próximo: Carnide, Colégio Militar · Autocarros: 16, 729, 780

Vemos dois camiões em viagem, onde cinco homens mantêm prostitutas contra a vontade destas. Os homens fazem as regras e o camião é o seu império.

O romance *Que difícil é ser Deus!* dos Irmãos Strugatski serve de inspiração para este espectáculo, examinado do ponto de vista da distância e responsabilidade divinas. Um infiltrado, que vê o que se passa mas não pode intervir, está presente como Deus, longe da alegria da criação, como observador dolorido. Até que o que há de humano nele prevalece, e tem de agir, mas conhecendo as leis sombrias do camião tem de usar os métodos deles: violência e destruição. Mostra-se o dilema da justaposição entre presença inactiva e vida activa num espaço confinado, questionando assim a própria posição do público. Objectos, pessoas e camiões reais num *reality show* onde estamos ansiosos por abandonar a posição do mirone. Permanecemos observadores ou tornamo-nos humanos?

Kornél Mundruczó nasceu na Hungria em 1975. Realizou *Pleasant Days* (Leopardo de Prata, Locarno 2002), *Johanna* ("Un Certain Regard", Cannes 2005) e *Delta* (Prémio da Crítica FIPRESCI, Cannes 2008). No teatro começou por trabalhar com a companhia Krétakör (que apresentou *A Gaivota* na Culturgest em 2005), mas não tem um grupo próprio, concebendo os seus espectáculos com actores que se tornam parceiros criativos. Os seus últimos trabalhos são *The Ice*, *Frankenstein Project* e *Judasevangelium*.

Os portadores de bilhete para o espectáculo
têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração
Presidente
António Maldonado Gonelha
Administradores
Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores
Dança
Gil Mendo
Teatro
Francisco Frazão
Arte Contemporânea
Miguel Wandschneider
Serviço Educativo
Raquel Ribeiro dos Santos
Pietra Fraga
Diana Ramalho estagiária

Direcção de Produção
Margarida Mota

Produção e Secretariado
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições
Coordenação de Produção
Mário Valente
Produção e Montagem
António Sequeira Lopes
Produção
Paula Tavares dos Santos
Montagem
Fernando Teixeira
Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação
Filipe Folhadela Moreira
Inês Loução estagiária
Marta Ribeiro estagiária

Publicações
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais
Patrícia Blazquez
Clara Troni
Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros
Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direcção Técnica
Eugénio Sena

Direcção de Cena e Luzes
Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica
José Manuel Rodrigues

Audiovisuais
Américo Firmino
coordenador
Paulo Abrantes
chefe de áudio
Tiago Bernardo

Iluminação de Cena
Fernando Ricardo chefe
Nuno Alves

Maquinaria de Cena
José Luís Pereira chefe
Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar
Álvaro Coelho

Frente de Casa
Rute Sousa

Bilheteira
Manuela Fialho
Edgar Andrade

Recepção
Sofia Fernandes
Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo
Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos
Isabel Corte-Real
Inês Costa Dias
Maria Manuel Conceição
António Rocha estagiário
Soraia da Silva estagiária
Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo